

sussurros, julgamentos ou diagnósticos. Digressões literário-filosóficas⁹⁸ remediavam os vazios dessa cadeia, cujo silêncio, «põem em suspenso a alma de todos os ouvintes»⁹⁹ e por isso deviam ser utilizado com comedimento, sob a solenidade do golpe de vista, que lançado «à tempo penetra o interior dos corações»¹⁰⁰.

Bem se vê, aliás, que a narrativa histórica prescrita aos oradores sagrados compartilha com a atuação teatral da ação interpretativa. Mantida nos signos impressos, a História prescrita aos/pelos oradores sagrados, procura vivificar a memória daquele a quem se dedica um panegírico:

de sorte que vá sempre crescendo o discurso e o ouvinte sinta cada vez mais o peso da verdade. Então se devem soltar as imagens vivas e os movimentos próprios para excitar as paixões. Para isto é preciso conhecer a união que as paixões tem entre si: aquelas que se podem excitar logo ao princípio mais facilmente e que podem servir para mover as outras: e aquelas enfim que podem produzir maiores efeitos, e com que se deve terminar o discurso. É muitas vezes a propósito fazer no fim uma repetição sumária, que em poucas palavras compreenda toda a força do Orador, e que torne a por diante dos olhos, tudo o que tem dito de mais persuasivo¹⁰¹.

O sentido do discurso cristão, forjado como amplificação, «não vem, nem nasce do Pregador, nada de tudo isso nasce do seu entendimento.[...] Não é permitido ao Orador Cristão nada seu de mistura»¹⁰². Instrumento da Palavra Divina, essa retórica histórica se forja como representação na medida em que tende a uma coerção moralizante do uso da razão que se configura, a princípio, pela cronologia linear: o orador deve «seguir a ordem dos tempos discorrendo por toda a vida do sujeito, desde o nascimento até a morte». Depois, pela delimitação espacial: «no nascimento considerar-se a geração e a pátria». Enfim, pela classificação temática: «a natureza, a educação e a fortuna». Corpo (condição física e gênero) e alma (juízo, engenho, memória, costumes) compõem a natureza. Educação e fortuna (relações sociais), o estado (posição social). Na sequência, pela legitimação do tema de acordo com seu legado, que «o panegirista deve com especialidade ponderar e amplificar». «Por fim de tudo, podemos fazer uma comparação»¹⁰³. Nesse discurso do método histórico do panegirista faziam parte, ainda, três advertências que também parecem ter se mantido no exercício do ofício do historiador: «1) Não profanar a verdade com a lisonja; 2) Não misturarmos as ações grandes com as de pequena consideração; 3)

⁹⁸ «Desta sorte daria o Orador grande idéia da ação louvada. Sente-se mais a utilidade da Digressão nos assuntos estéreis, ou desgraçados: mas em todos deve haver grande cautela, para que a digressão não vá introduzida à força, sem dizer respeito à causa, e dando logo a conhecer a arte, e afetação, que se pôs na sua prática.» (S.J. Castro, *Conclusões sobre a poesia e eloquência, presidente D. Luis da Senhora do Carmo* (Lisboa, Oficina Luisiana, 1779), 10.

⁹⁹ Fénelon, *Diálogos sobre a eloquência*, 94.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 104.

¹⁰¹ *Ibidem*, 122.

¹⁰² Anônimo, *Carta anonima sobre o novo methodo*, 10-11.

¹⁰³ De Nossa Senhora, *Elementos da arte*, 301-310.

Não nos dilatarmos nas que podem ser comuns a outros, mas sim nas que distinguem o sujeito do Panegírico & c.»¹⁰⁴. Inscrita na moralidade metodológica da História, a prescrição do medo era tratada pela evocação da coragem:

«Talvez tenhais de combater inimigos externos...Não esqueçais, que os Franceses já sentiram no Brasil o peso do nosso braço, quando o Rio de Janeiro estava ainda em sua infância. Considerai, que sois os descendentes dos libertadores do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O Leão da Espanha retrocede espavorido diante de nós; e a Holanda pranteia ainda suas legiões cortadas do ferro dos valentes Pernambucanos. Tende presente, que a sorte dos Brasileiros foi rivalizar em todos os tempos o renome português. Pois bem! É do renome português que eu vou tirar o estímulo mais capaz de erguer vosso brio militar»¹⁰⁵.

Coragem legitimada por sucessos passados que, comprovados historicamente pela força do testemunho honrado e, portanto, fiável, do Orador, baseava-se no princípio de que não teme aquele que é temido¹⁰⁶. Transferindo o medo para o outro, o Orador projeta uma dupla camada de proteção naqueles a quem discursa: 1) fora do seu próprio campo emocional, o medo não mina a força dos soldados; 2) projetado no campo emocional alheio, enfraquece a representação do adversário e potencializa a coragem da audiência. Levantada a «moral» da tropa, numa economia sentimental em que a quantidade de honra é limitada e flutuante de acordo com indexadores tais como o medo - sentimento cujo nível ideal, como vimos, é de grau zero -, era necessário acender no campo emocional a centelha para a ação:

Quando no dia 11 de Janeiro de 1822 os inimigos do Brasil ameaçaram saquear esta mesma cidade, e degolar um povo, que eles insultavam, chamando-o seu irmão, todos os olhos e todos os corações se voltaram para o herói, que um dia antes tinha sido conjurado para tomar sua defesa, e participar dos seus azares; e a vida de milhares de cidadãos, seus bens, suas propriedades foram tiradas em salvo!¹⁰⁷

A ameaça da quebra da camada dupla de proteção, aliada à reconfortante presença d'o escolhido divino (o rei), garantindo a absolvição dos pecados e a salvação final, completam, pois, o quadro mais recorrente do *tratamento* do medo na parenética moderna. Se não era, portanto, necessário temer o medo, porque ele seria, proporcionalmente, menor do que o paraíso alcançado após percorrê-lo; o importante era enfrentar os perigos e maldades com a resignação do espírito cristão,

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 306.

¹⁰⁶ «Um povo, cujas forças podem concentrar-se apresenta aos inimigos externos uma atitude, que escarmenta sua temeridade». (Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 298).

¹⁰⁷ Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 299.

canonizada quando religiosa, nobilitada quando profana, misturada na maior parte dos discursos¹⁰⁸:

No meio dos sucessos, que estimulam a nossa sensibilidade; cercado do fulgor, que reflete de um trono levantado à custa de milagres; quando não se ouvem mais o rugir da demagogia sufocada entre os braços do príncipe, que se mostrou, qual gênio tutelar, no meio das calamidades da pátria; eu não atribuirei aos cálculos da prudência a aparição deste novo astro, que, masgando as nuvens mais espessas, imprimiu em todos os espíritos veneração, e assombro. Seria um absurdo, persuadir-nos que o homem era capaz de realizar uma das peripécias mais memoráveis. Seria o maior excesso do orgulho, reconhecer no esforço dos homens a elevação de um príncipe, que sentindo o ruído sinistro, que revela o rompimento da cratera revolucionária, desprezou idéias mesquinhas, protegeu um povo escarnecido; dilacerou os editos que decretavam sua desonra; abismou-se com ele em um futuro duvidoso; jurou morrer sobre os destroços de sua independência; retribuiu a seus inimigos o desprezo, que lhe votaram; e atirou sobre sua face os pedaços dos grilhões, com que pretendiam aviltá-lo. Um príncipe salvando o povo, que pressentira sua grandeza, ligando seus destinos do herói, um império constituído, sem que gemesse a humanidade, a discórdia fugindo espavorida, o sucessor da coroa erguendo com suas mãos os degraus do trono, a que o chamava seu alto nascimento, formará na sucessão dos séculos a página mais brilhante da história. Porém a Religião, resolvendo todas as dúvidas, e rejeitando todas as probabilidades, mostra o Eterno velando do alto dos céus a sorte do imperador, medindo a altura e a extensão deste império, que delineará na sua presciência, e lançando os fundamentos desta potência colossal, que bem depressa deve igualar as potências mais respeitáveis¹⁰⁹.

Levantado à custa de milagres, o medo se apresenta por uma combinação binária: é quase sempre seguido de prova/promessa de apaziguamento. Sendo assim, às iniquidades da guerra¹¹⁰, da submissão política¹¹¹, das rebeliões populares¹¹², da

¹⁰⁸ «For this reason, discursive practices that involve the interpretation of feeling [...] are of as much interest to a history of emotions as the norms, orders of knowledge, and ideologies (“discourse on emotion”) discussed below. This applies not only to the initial experience and its signification but also to remembered feelings. In retrospect, emotional experiences can be reinterpreted and, in a sense, re-experienced, and sometimes it is only long after the fact that we “understand” what our feelings “actually” were. The work of signifying and resignifying emotions is done not only at the kitchen table with family and friends, but also through entire industries dedicated to improving “emotional intelligence” and new media genres, perhaps exemplified by the afternoon talk show.» (Scheer, “Are Emotions a Kind of Practice”, 213).

¹⁰⁹ Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 283/4.

¹¹⁰ «Quando a guerra desola tantas regiões; quando os males todos ameaçam devorar a humanidade inteira; no momento mesmo, em que a devastação das mais ricas províncias, e o incêndio dos campos, outrora cobertos de searas, arrancam o pranto mais amargo; quando através dos mais preciosos restos de arquitetura, por entre pedaços de colunas, de cimalkas, de estátuas mutiladas o viandante avidamente procura o lugar, em que ainda ontem eram admiradas as mais soberbas cidades...» (Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 280).

desagregação do reino¹¹³ e da ausência de um monarca¹¹⁴, sucedem, *os monumentos da felicidade mais acrisolada*:

Deve ser um preceito religioso para o soldado nunca abandonar suas bandeiras, dizia o vencedor de Fontenoy. Elas devem ser sagradas a seus olhos; e todas as cerimônias possíveis não seriam sobejas para torna-las respeitáveis e preciosas. Amigos, dizia o grande Conde às suas tropas, inferiores em número aos Austríacos, amigos, lembrai-vos de Rocroy, de Friburgo, e Nordlingen!...e conduzindo-as imediatamente ao inimigo, ganha a célebre batalha de Lens ao Arquiduque Leopoldo, irmão de Fernando III da Alemanha. Soldados, eu não terei outra linguagem. Lembrai-vos de Villegagnon, das linhas de Elvas, dos Guararapes, do Paraguai!...Possam os vossos inimigos experimentar vossa coragem hereditária! Possam nossos netos apontar para os monumentos erguidos ao vosso denôdo! Possam eles dar-vos um modelo de patriotismo, e da felicidade mais acrisolada!¹¹⁵.

Monumento em que nos aventuramos tendo os Oradores como guias, o medo não é apresentado «com idéias de matança, de sangue e furor». Pelo contrário, ele convida «a pisar com indiferença cadáveres palpitantes» e, celebrando a polidez de um acordo de cavalheiros, exige «o desempenho do juramento, que acabais de prestar à face de vossas bandeiras». A ameaça é social: «todos os olhos estão fixados em

¹¹¹ «A luta, em que o Brasil está empenhado contra as pretensões de uma metrópole ciosa de seus direitos, e vê com impaciência secar-se uma fonte inesgotável de riquezas, os projetos sanguinários da democracia, os assomos da inveja ...» (Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 295)

¹¹² «Não é senhores, vos o sabeis, não é o ardor patriótico, que exagera este amparo, que o Todo-Poderoso tem assegurado ao Brasil: nossos padecimentos domésticos nos tem forçado a reconhecer, que o sopro da cólera do Eterno esmagando o imperador, faria rebentar os diques, que sopeiam dificilmente ondas insofridas. Não escutastes os uivos ferozes do absolutismo, que não hesitou em ameaçar-nos com seus antigos grilhões? Não tendes observado as provocações de um partido, que parece ter em vista humilhar o brio nacional? Não acabam de despertar-se todas as desconfiças de um projeto, em que se alterava contra as liberdades constituintes? Não vimos tremular o estandarte de rebelião, e do perjúrio?» (Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 312)

¹¹³ «Infaustos acontecimentos trouxeram às nossas praias esses formidáveis inimigos. Dos lagos empestados da Neerlândia partiram mil guerreiros, que ousaram dividir entre si o território brasileiro. Batalhões aguerridos oprimiam suas cidades, enquanto esquadras formidáveis senhoreavam-se de suas costas. Ufanos com os males, que a mãe pátria suportava, eles se jactavam de arrancar de seus braços este filho, destinado a minorar um dia seus desastres. Maurício de Nassau acabava de apertar os grilhões lançados pelo fero Louk. Uma vara de ferro se prolongava do majestoso Amazonas à opulenta Bahia. Ardendo em ira o Belga rasgava sem piedade o seio do Brasil. Guiada pela ferocidade, a perfídia insolente via a seus pés o gigante dos trópicos, e rindo prendia-lhe as mãos com cem cadeias». (Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 276).

¹¹⁴ «Quando no infausto dia 30 de Junho de 1823 o Eterno pareceu arrepender-se de sua proteção, envolvendo nas sombras da morte o príncipe, que acabava de consagrar a independência do Brasil, subindo ao trono imperial com todos os títulos de que é capaz de gloriar-se um rei; nós vimos a discórdia espiar o instante fatal, em que cessasse de existir o infatigável propugnador das nossas prerrogativas, afim de retalhar o Brasil, e mostrá-lo ao Universo, como um objeto de opróbro, de compaixão, e lástima. Em 1829 a infância do príncipe imperial assustava o Brasil com uma longa menoridade, que retardaria sua marcha gloriosa, e talvez mesmo alterasse suas instituições políticas». (Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 309)

¹¹⁵ Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 271.

vós»; o vexame não pode ser maior e a pena não pode ser mais dura, nem menos moderna: «a infâmia, o desprezo público»¹¹⁶; garantindo, pela temeridade desse risco, a suposta manutenção da imobilidade social.

De maneira paradoxal, a abolição do medo facilitou a morte do regime de forças que atravessou a Época Moderna, fosse ele político ou sentimental, na desmesura de Luís XVI diante da queda da Bastilha; enquanto que sua manutenção garantiu tal continuidade, na fuga d. João VI para o Brasil.

Insinuando «verdades amargas no ânimo dos ouvintes»¹¹⁷, com a dura finalidade de «obrigá-los a executar o que lhes aconselhamos»¹¹⁸, os panegiristas serviram-se da História para conceber, praticar e representar as paixões, sentimentos e emoções, gravando, na longa duração da memória afetiva, a dinâmica acelerada e aparentemente fugaz da sensibilidade. Se o eco desse discurso hoje nos parece fragmentado, talvez seja porque

A filosofia nunca pôde conhecer a verdadeira causa destas revoluções, que mudam o assento das monarquias e fazem surgir outras monarquias. Inventaram-se sistemas; forjaram-se definições; criou-se o direito das gentes; apoiou-se na legitimidade; admitiu-se a soberania do povo; o homem social teve contratos; e a política mostrou-se com o seu manto de variadas cores, apresentando a cada momento novas fases, e modificando a cada instante suas teorias e suas convenções. Mas o Eterno se deixa ver sustentando em suas mãos a balança em que pesa o Universo; espantando a terra com o estrondo de suas maravilhas; quebrando o cetro dos senhores do mundo; e cingindo com o diadema aqueles que ele tem escolhido para fundadores dos impérios suscitados na sua providência¹¹⁹.

Eterno, o medo se inscreve hoje numa indústria do ressentimento corrobora tanto doutrinas historiográficas quanto manuais sentimentais contemporâneos, uns baseados na utopia da felicidade, outros na distopia do terror. Se ganham adeptos, é porque a construção da memória está mais carregada de sentimentos do que a maioria de nós se permite aceitar ou enfrentar como problema historiográfico. Se geram batalhas, é porque a pastoral do medo, alimentando a insensibilidade e a projeção como potência, ainda triunfa como discurso de modernidade, império da razão.

¹¹⁶ Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 266

¹¹⁷ Verney, *Verdadeiro método de estudar*, 148.

¹¹⁸ Antonio Pereira, *Elementos da invenção e locução retórica* (Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759), 2.

¹¹⁹ Do Monte Alverne, *Obras Oratórias*, tomo II, 283.

Recibido: 9 de julio de 2017
Aprobado: 25 de julio de 2017